



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

THAYSE DOS SANTOS COSTA

**A RELEVÂNCIA DO SAGRADO FEMININO NO
TANTRISMO**

**JOÃO PESSOA
2018**

THAYSE DOS SANTOS COSTA

A RELEVÂNCIA DO SAGRADO FEMININO NO TANTRISMO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba como requisito complementar para obtenção do título de Licenciatura em Ciências das Religiões, sob orientação do professor Dra. Maria Lúcia Abaurre Gnerre.

**João Pessoa
2018**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C838r Costa, Thayse Dos Santos.

A RELEVÂNCIA DO SAGRADO FEMININO NO TANTRISMO / Thayse
Dos Santos Costa. - João Pessoa, 2018.

37 f. : il.

Orientação: Maria Lúcia Abaurre Gnerre,
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Tantrismo, Sagrado Feminino, Deusa Mãe. I. Gnerre,
Maria Lúcia Abaurre. II. . III. Título.

UFPB/BC

THAYSE DOS SANTOS COSTA

**A RELEVÂNCIA DO SAGRADO FEMININO NO
TANTRISMO**

Trabalho de conclusão de curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Curso de Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Bacharelado em Ciências das Religiões.

BANCA EXAMINADORA

Assinatura: _____
Prof.
(Orientador)

Assinatura: _____
Prof.

Assinatura: _____
Prof.

Dedico àqueles que vêm me apoiando ao longo
da vida facilitando a minha caminhada.
Em especial, aos meus pais
Tercílio e Luciana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e os Orixás pelas oportunidades a mim ofertadas e por me fortalecerem, me ajudando a vencer os obstáculos.

Agradeço a professora Maria Lúcia por toda orientação, paciência e ensinamentos durante todo curso.

Agradeço aos meus pais Tercílio e Luciana por todo apoio e compreensão sem vocês eu não teria conseguido.

Agradeço aos meus amigos: Alberlene, Maura, Rafael e Professora Fernanda Lemos por toda ajuda e companheirismo não me deixando desistir quando por vezes pensei em desviar o caminho.

Agradeço ao meu querido Tom-k por todo apoio e compreensão, que sempre confiou e acreditou no meu potencial.

“O mito define-se pelo seu modo de ser: não se deixa interpretar enquanto mito, a não ser na medida em que *revela* que qualquer coisa se *manifestou plenamente*, sendo esta manifestação, por sua vez, *criador e exemplar*, já que tanto funda uma estrutura do real como um comportamento humano”

Mircea Eliade
Mitos, Sonhos e Mistérios

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objeto de estudo o Sagrado Feminino, a adoração a Deusa Mãe e sua relevância no Tantrismo. O Tantrismo é um movimento pan-indiano que influenciou várias culturas e religiões a exemplo do Budismo, Hinduísmo e Jainismo. E que teve como objetivo a expansão do conhecimento, entendendo o corpo físico como um templo para a conexão com o transcendente. Por meio dos Tantras, textos que trazem ensinamentos e explicações sobre as origens da vida e do mundo; nomes e funções dos deuses; rituais, magia, feitiçaria e artes divinatórias; fisiologia do corpo sutil; kundalini; sexualidade sagrada; meios de chegar à iluminação e técnicas de purificação; tudo isso atribuído à própria Divindade. Este estudo apresenta um breve panorama do Tantrismo, abordando a sacralidade feminina, a adoração a Deusa Mãe e seu poder denominado Shakti, a história de mulheres que são consideradas santas na Índia de hoje e a violência de gênero. Este trabalho tem como objetivo a pesquisa tendo como tema o Tantrismo, que influenciou não somente o Oriente mas também Ocidente. Usando a método de pesquisa bibliográfica com base nos autores Mircea Eliade, Georg Feuerstein e Linda Johnsen.

Palavras-chaves: Tantrismo, Sagrado Feminino, Deusa Mãe.

LISTA DE FOTOGRAFIAS OU IMAGENS OU ILUSTRAÇÕES

Foto 1: Kundalini.....	16
Foto 2: Yantra.....	18
Foto 3: Mandala.....	32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. PRIMEIRO CAPÍTULO - O CULTO A DEUSA MÃE.....	11
2.1 Aspectos gerais do Tantrismo	12
1.2.1 Tantra.....	12
1.2.2Devî, o principio divino feminino	13
1.2.3 Corpo Sutil e Força Vital.....	14
1.2.4Kundalini	14
1.2.5Práticas rituais.....	16
1.2.6Maithunâ.....	19
2. SEGUNDO CAPÍTULO-HISTÓRIA DO CULTO A DEUSA NOS TEXTOS	
HINDUS.....	21
2.1 Shakti	21
2.1.1.Purãnas	22
2.1.2.Maha-purãnas	22
2.1.3.Tantras	23
2.2 Sagrado feminino	24
3. TERCEIRO CAPÍTULO-A FIGURA DA MULHER NA SOCIEDADE INDIANA	
ATUAL	27
3.1 Filhas da deusa.....	27
3.2 Violência contra a mulher	34
CONCLUSÕES.....	36
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

Ao me deparar com as religiões orientais, durante o curso de bacharelado em Ciências das Religiões, pude perceber a imensidão de detalhes em sua cultura e como aquela riqueza me fascinou. Entre toda essa riqueza desenvolvi um interesse especial pelo tantrismo, que traz um tema que para nós ocidentais, pode parecer um tanto diferente e que jamais poderíamos imaginar e compreender sua complexidade e beleza, bem como sua sexualidade sagrada.

O fato é que, em meio a toda essa imensidão cultural a figura da mulher que por muitas vezes é menosprezada em outras tradições, no tantrismo é exaltada e de fundamental importância para que tudo possa existir. A deusa mãe que em várias culturas é considerada o poder absoluto e associada ao feminino, a mulher, para o tantrismo se trata do início de tudo.

O empoderamento da figura feminina e sua relevância nessa tradição, me faz acreditar que seja crucial desenvolvermos estudos e pesquisas sobre este determinado tema. Assim além de esclarecer dúvidas, quebrar barreiras, estabelecer clareza aos leitores fora e dentro da academia, apresentar suas peculiaridades, este trabalho tem como principal objetivo destacar a importância da mulher e desmistificar a visão ocidental de que a sexualidade sagrada é mera banalidade.

Ao analisamos a importância da mulher em várias tradições, podemos encontrar diversos pontos que levem a um estudo mais aprofundado e que tratem a figura feminina como foco principal. Na tradição tântrica a mulher que tem papel de extrema importância, nos apresenta em seu princípio a adoração à deusa Shakti, que para os hinduístas se trata do poder supremo da criação.

Nesse contexto podemos destacar a importância e influência do sagrado feminino que também complementa e é indispensável ao sagrado masculino. Na perspectiva do tantrismo a união das duas energias, feminino e masculino, se dá por meio da relação sexual(seja de forma simbólica ou prática),através da união do deus Shiva com a Shakti. Essa união que deve ser puramente sacralizada, por muitas vezes é hostilizada comparando-a com a banalização do ato sexual, que neste aspecto trata da sexualidade sagrada, do encontro entre os deuses interiores e que de forma alguma não deve ser inferiorizada ou comparada ao simples ato sexual.

Levando em consideração a influência do tantrismo no hinduísmo e no budismo, podemos identificar pontos em comum e entre si, tendo em vista que o tantrismo é um caminho ou atalho para a libertação, a evolução espiritual e que sofreu infinitas marginalizações por esse motivo.

Devemos esclarecer dúvidas a nossa sociedade, que possam contribuir para estudo do tantrismo que não se restringiu apenas a influenciar as culturas orientais, mas que também chegou ao ocidente, e que por muitas vezes foi hostilizado e mal compreendido. Em torno disso também podemos aprofundar nossos conhecimentos relacionando o sagrado feminino e o empoderamento da mulher em nossa sociedade atual.

Ao levantarmos uma justificativa científica para a contribuição da relevância do sagrado feminino no tantrismo e de modo geral, podemos identificar pesquisas a respeito do tema e que apresentem pontos comuns entre si. A influência do tantrismo na cultura oriental se perpetuou por várias gerações, levando em consideração que o mesmo se trata de um culto à sexualidade, onde por meio dele se encontra os deuses e suas energias.

Com essa intenção, desejo ampliar os horizontes em uma pesquisa focada na real importância da cultura tântrica, a figura da mulher e as marginalizações que essa cultura sofreu.

Com base em uma pesquisa bibliográfica, partindo dos registros de pesquisas anteriores em diálogo também com livros sobre tema, propomos analisar tais trabalhos que interligam as relações do Tantrismo e do Sagrado Feminino. O presente trabalho tem bases teóricas que visam encontrar pontos em comum e que levem a um resultado ímpar. Buscando o aprofundamento e a ampliação de estudos nessa área.

Mediante o método de pesquisa bibliográfica buscaremos apresentar os conceitos dados por Mircea Eliade, sobre o tema, segundo as perspectivas sócio-históricas e analisar as obras de Georg Feuerstein que são cruciais para a compreensão do tantra.

1. CAPÍTULO

O CULTO A DEUSA MÃE

Em busca da compreensão em torno da figura feminina no tantrismo e sua importância, podemos encontrar inúmeros fatores que levem a sua adoração, ao encontro da Deusa Mãe. A mulher é considerada em sua forma física e espiritual parte do ritual, desde o início do culto ao seu corpo. Como disse Mário Ferreira em seu artigo:

[...] “Assim, transmutado em centro do mundo, e assimiladas suas partes aos elementos tradicionais do rito, num esquema de inter-relações simbólicas que assimila os seios ao altar, os cabelos à relva, a pele à bebida sacrificial, o ventre ao fogo, a fala às fórmulas litúrgicas, transforma-se o corpo feminino em yantra, diagrama cósmico, formado de figuras elementares expandidas a partir de um centro – simbolizando os processos de evolução e involução do Absoluto.” (FERREIRA, 1999, p.35)

Antes que a mulher de fato seja a representação da Shakti durante o ritual, seu corpo é preparado e o ambiente também, para que tudo possa ocorrer como planejado. O corpo feminino é transmutado em um Yantra, ou seja um diagrama cósmico onde todo o universo pode ser representado.

O ritual tântrico deve ser indiscutivelmente sagrado, levando a sexualidade sagrada como parte de uma evolução espiritual e a evocação do poder absoluto. Afinal, diante da mulher nua, quando concebida como *Shakti*, é possível descobrir o próprio mistério cósmico profundo. Essa é a base do culto conhecido como Shaktismo:

[...]“Diferente da visão dos antigos sábios, os mestres do Tantra, ligados ao culto da deusa Shakti, ensinavam o não abandono do corpo, e sim utilizar-se dele como instrumento de libertação e ascensão do ser.”(CAVALCANTE,2015,p.2)

Nesse modelo ritual, o corpo é concebido como verdadeiro templo de adoração, é o elo entre os Deuses e os humanos. Por isso o seu cuidado é fundamental, o corpo seria o veículo de libertação e ascensão do ser.

Vemos que a sexualidade sagrada é de fundamental importância para a cultura indiana, ao longo do tempo os indianos preservaram essa tradição, tendo em vista que outras religiões a exemplo do Cristianismo ocidental, perdeu ao longo da história a

concepção de que a sexualidade é essencial ao homem e que é necessário uma melhor compreensão e aprofundamento.

[...] “Além de composições originais, há uma quantidade imensa de obras percorrendo comentários as anteriores citadas. Estas compreendem monografias, manuais, resumos, dicionários, hinos e obras de magia. Os textos tântricos podem levar o título de Tantra, Âgama, Yâmala, Rahasya, Samhita, Arnava, Shikhâ, Purâna, etc.” (CAVALCANTE,2015,p.2).

Assim, ao longo deste primeiro capítulo, buscamos mostrar a importância do sagrado feminino na tradição hindu, evidenciando os elementos que compõem o Tantrismo Shakti e que são essenciais para sua prática, como o princípio divino feminino, o Corpo Sutil e a Força Vital, a Kundalini, as Práticas Ritualísticas e o Maithunâ. Compreendemos, no entanto, que existem diversas questões de gênero que ao longo do tempo contribuem para a desvalorização da mulher, em contrapartida a influência do culto à Deusa Mãe perante as principais religiões da Índia, em contexto oriental. Dessa forma, buscaremos entender no próximo capítulo a relevância do sagrado feminino diante dessa cultura que se perpetuou no oriente.

1.2 Aspectos gerais do Tantrismo

1.2.1 Tantra

Sobre o Tantra, inicialmente para entendermos o significado do tantrismo é necessário identificar os múltiplos sentidos do termo *tantra* que vem do sânscrito, “tan” (significa expansão, estender, continuar) e “tra” (significa libertação, conhecimento). Dessa forma, o termo *tantra* significa “expansão do conhecimento”.

Para os praticantes do tantra é por meio da sabedoria que se encontra a libertação, visando superar as diversas formas de dualismos entre a realidade suprema (Si Mesmo) e a realidade condicionada (Ego). A doutrina tântrica traz a idéia de uma nova revelação para tempos tão difíceis em que o espírito é profundamente envolvido com a carne.

[...] “O objetivo do Tantrismo, ou Tantra, é o siddhi (“consecução, realização”), tanto no sentido de libertação suprema quanto de poder mágico. Como o ponto de vista tântrico não nega o mundo dos fenômenos, encara também de maneira positiva o cultivo do potencial psicofísico intrínseco do corpo e da mente. Ao contrário de certas escolas vedânticas que procuram evitar por todos os meios o uso das capacidades paranormais (siddi, vibhûti), o Tantrismo vê nessas coisas uma vantagem,

pois permitem aos praticantes que alcancem os seus objetivos espirituais do mundo de modo mais rápido e pleno.” (FEUERSTEIN, 2005, p.446).

O tantrismo é um movimento pan-indiano originado das castas¹ que compunham a base da pirâmide social da Índia e que influenciou em pouco tempo religiões como o budismo, hinduísmo e o jainismo. De acordo com as tradições budistas, o tantrismo foi introduzido por Asanga², por volta do ano 400. Os *tantras* budistas dividem-se em quatro grupos: Kriyã-tantra, Caryã-tantra, Yoga-tantra e Anuttara-tantra.

Os tantras, enquanto textos trazem ensinamentos e explicações relacionadas à criação do mundo e como alcançar o transcendente. Na tradição hindu a quantidade de temas existentes no tantra é considerável, trazem desde a história da criação do mundo como a respeito das divindades e seres superiores; os rituais de adoração, magia; a “fisiologia” esotérica; o despertar da Kundalini; a sexualidade sagrada, as técnicas de purificação do corpo e da mente; e a natureza da iluminação. De forma considerável no capítulo II iremos apresentar as origens e aspectos do Tantra.

1.2.2 Devî, o principio divino feminino

Na perspectiva filosófica do tantrismo hindu, a energia primordial, o principio divino feminino conhecido como Devî é responsável pela criação do mundo e de tudo que há nele, sendo ao mesmo tempo uma força terrível e responsável por eliminar o universo no momento certo. No capítulo II de forma mais profunda abordaremos os aspectos e origens do culto ao princípio feminino. Devî é a palavra em sânscrito que significa deusa e sinônimo de Shakti.

[...] Na civilização do Vale do Indo alguns elementos representativos da tradição tântrica se mostraram presentes, dentre eles o culto da deusa-mãe (*Devî*) e o princípio feminino (*Shakti*) associado às técnicas do Yoga. Apesar disso, somente a partir do século IV, com o início das codificações literárias de alguns dos antigos tratados tântricos, transmitidos anteriormente pela tradição oral, é que a estrutura filosófica e prática do tantrismo adquire maior transparência e molda-se no que conhecemos hoje como *Tantra Clássico*. (SARASWATI, 2008, p.15).

Sinônimo de mulher, esposa, enquanto Shiva é sinônimo de homem, marido. Shiva e Sákti se completam, é por meio dessa união que se dá o despertar da serpente,

¹A castas que compunha a base da pirâmide social da Índia são formadas pela população mais pobre.

²Asanga era um grande expoente da tradição Yogacara na Índia.

Kundalini. O tantrismo resgata o culto à Deusa Mãe e também aspectos da existência excluídos pela maior parte das tradições como a sexualidade, o corpo e o universo físico de modo geral.

A união dos pólos masculino e feminino são essenciais para a transcendência, o pólo feminino nada seria sem o masculino ou vice-versa. Por meio desse casamento o pólo feminino é responsável pela criação e o pólo masculino pela transcendência. Mircea Eliade, em sua obra, narra o mito de nascimento da Sákti.

[...] Um monstruoso demônio, Mahisa, ameaçava o universo e a própria existência dos deuses. Brahmã e todo o panteão apelavam para Visnu e Síva pedindo que os ajudassem. Cheios de cólera, todos os deuses emitiram juntos suas energias em forma de fogo que Sá de suas bocas. Combinando-se fogos formaram uma nuvem ígnea que finalmente tomou a forma de uma deusa de dezoito braços. Essa foi a deusa, Sákti, que partiu para destruir o monstro Mahisa, e com um golpe salvou o mundo. (ELIADE, 2004, p.175).

É de extrema importância salientar que tanto a força vital como a kundalini são atributos do princípio divino feminino, a Shakti.

1.2.3 Corpo Sutil e Força Vital

O corpo sutil corresponde à energia do corpo físico, na forma de corpo astral que seria o mesmo que corpo espiritual. Assim como o corpo físico o corpo sutil é repleto de órgãos, porém visíveis somente aos clarividentes e meditadores, para a medicina moderna esses órgãos são pura ilusão. O corpo sutil possui uma estrutura básica composta pelos chakras, que são centros de energia vital, e os nâdís que se assemelham a “fluxos” ou “canais” responsáveis pela movimentação do pranã, força vital.

A força vital divide-se em cinco fluxos primários e cinco fluxos secundários, cada um com suas respectivas funções. Os fluxos primários são: Prâna, Apâna, Vyâna, Samâna e Udâna. Os secundários são: Nâga, Kûrma, Kri-kâra, Deva-datta e Dhanam-jaya. Sendo prâna e apâna as mais importantes forças vitais.

1.2.4 Kundalini

[...] O termo Kundalini significa “a enrodilhada” e refere-se ao fato de que a kundalinî, ou kundalî, é representada como uma serpente adormecida e enrodilhada três vezes e meia em volta de um falo (língua) no centro bioenergético mais baixo do corpo humano. (FEUERSTEIN, 2005, p.434)

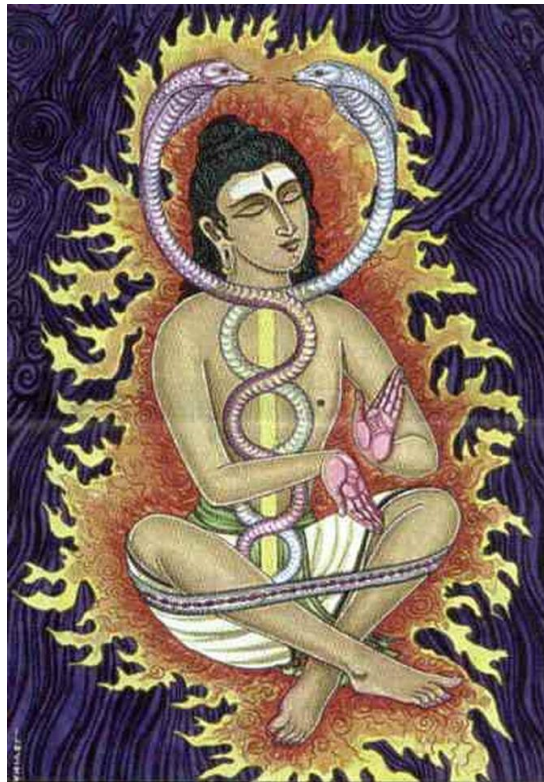
Segundo a filosofia tântrica, existem três canais no corpo sutil: Sushumnâ, responsável pela movimentação da Kundalini (Foto 1); Idâ-nâdî, que representa a força lunar sendo lívido; Pingalâ-nâdî representa o sol sendo avermelhado. No momento em que prâna percorre o canal axial, o praticante do tantra tem como objetivo principal estimular essa energia, elevando a kundalini intensamente de modo que chega ao centro coronário alcançando o samâdhi, estado de êxtase, nesta condição acontece à união de Shiva e Sâkti. O atributo mais importante do corpo sutil é a kundalinî-sâkti, força que leva a ampliação da consciência de si mesmo, o poder universal, a energia primordial.

O fluxo do prâna utilizado de forma regulada põe a kundalini adormecida em movimento, levando ao despertar da mesma. O despertar da Kundalini deve ser induzido com extrema responsabilidade, pois se o praticante não tiver controle sobre a situação, pode gerar efeitos colaterais desastrosos, levando a fortes dores de cabeça até acessos psicóticos. A ascensão da kundalini é o ponto central do tantra.

Em entrevista com Linda Johnsen, AnandiMa explica o que:”A *Kundalini* é a parte da alma que surge primeiro e prepara o corpo antes que a alma possa realmente entrar nele. Depois que a criação do corpo físico está completa, ela fica adormecida na base da espinha. Os Yogis utilizam a mesma energia para alcançar novamente a alma e, depois, Deus. É descrita como uma serpentina devido à sua motilidade, a maneira como a energia se move. Baseia-se em três espirais e meia, que têm diversas interpretações diferentes. Por exemplo, diz-se que representam os três aspectos da criação: criação, preservação e destruição; também as três qualidades, *sattva*, *rajas* e *tamas*: pureza, atividade e inércia. Refere-se também aos três estados da consciência em diferentes níveis que conhecemos como estado de vigília, de sono e de sonho. E, acima de tudo, é *sat*, *chit* e *ananda*, que chamamos de confiança, consciência e alegria. A meia espiral é o estado que todos nós devemos alcançar, conhecido como *turiya*, totalmente além deste nível comum de consciência. A *kundalini* é a energia matriz, a *adi shakti* que lenta e gradualmente, conduz a pessoa ao objetivo mais elevado.” AnandiMa continua falando sobre os movimentos físicos involuntários da *kundalini* e as experiências com a *kundalini* que são individuais e varia de pessoa para pessoa. AnandiMa complementa: ”Não importa o que a pessoa esteja

fazendo; se há alguma evolução espiritual, é a *kundalini* que está trabalhando no interior da pessoa. Esta é a energia que ajuda você através das diversas experiências necessárias para a evolução individual e que, finalmente, o leva à compreensão, face a face com a realidade. Em outras palavras, a *kundalini* é como os raios de sol. Se você deseja alcançar o sol você segue os seus raios até encontrar a sua fonte. Esta é a unidade de Shiva e Shakti, surgindo e se unido na sublime *Sadashiva* (a realidade definitiva e imperecível).” (JOHNSEN, 1996, p.93-96)

Foto 1: Kundalini



Fonte:<<https://melchizedekia144000.wordpress.com/2016/12/06/jeshua-jesus-christ-and-kundalini/>>

1.2.5 Práticas Ritualísticas

A purificação dos elementos é um aspecto extremamente importante para a ascensão da kundalini e faz parte das variadas práticas ritualísticas do tantrismo, até passar do sexto chakra, ao longo do canal axial, ocorre à purificação evolutiva dos elementos que compõem o corpo, sendo eles: a terra, a água, o fogo, o ar e o éter.

A prática dos mantras também é importantíssima no tantrismo, os mantras funcionam como sons dotados de poder e possibilitam levar os praticantes do tantra a

níveis mais elevados de consciência. Os mantras podem ser recitados em voz alta, em voz baixa, mentalmente ou escritos, de forma respeitosa buscando atingir níveis mais altos de consciência.

[...] O valor prático e a importância filosófica dos mantras ligam-se a duas ordens de fatos. Em primeiro lugar, a função yóguica dos fonemas, utilizados como “suportes” para a concentração; em segundo, o aporte propriamente tântrico: a elaboração de um sistema gnóstico e de uma liturgia interiorizada, revalorizando as tradições arcaicas sobre o som místico. (ELIADE, 2004, p.180-181)

Os sons emitidos para se tornarem mantras precisam atingir seus determinados objetivos, não sendo dessa forma sons simplesmente comuns. Os mantras são apresentados aos praticantes do Yoga por meio de elevados níveis de consciência.

[...] Os *Tantras* deixam muito claro que os *mantras* não são invenções arbitrárias. São sons revelados aos adeptos do Yoga em estados elevados de consciência e a sua eficácia depende completamente da adequada iniciação (*dikshâ*). (FEUERSTEIN, 2005, p.437)

Os gestos simbólicos feitos com as mãos utilizados no tantrismo são chamados de Mudrâ, que quer dizer “selo”, ou seja, tem a função de “selar” o corpo e proporcionar alegria. Os mudrâs também funcionam como terapia, por meio deles é posto em ordem os cinco elementos citados anteriormente que estando em desequilíbrio podem causar problemas ao corpo físico.

[...] O Tantrismo também conhece mudrâs terapêuticos que funcionam com base no princípio de que o corpo é um espelho da realidade macrocômica e que a doença é causada por um desequilíbrio dos cinco elementos materiais (terra, água, fogo, ar e éter/espaco). (FEUERSTEIN, 2005, p.442)

Os Yantras são desenhos ou esquemas geométricos para meditação com função semelhantes à da mandala, sendo a representação simbólica dos aspectos de uma divindade e um rascunho dos níveis e energias do universo.

Foto 2: Yantra



Fonte: <<https://mokshadharmablogspot.com/2008/10/yantramandala.html>>

[...] O *mandala* usa o mesmo simbolismo e desenvolve em níveis múltiplos, porém equivalentes. Como o *yantra*, o *mandala* é ao mesmo tempo imagem do universo e teofania; a criação cósmica é, de fato, manifestação da divindade; mas o *mandala* serve igualmente de “receptáculo” para os deuses. (ELIADE, 2004, p.186)

Foto 3: Mandala



Fonte: Disponível em: <disponível em: <http://sistemasalbertocruz.blogspot.com/2013/03/mandalas-hinduismo.html>>

1.2.6 Maithunâ

Maithunâ é um termo em sânscrito que significa “união sexual”, é um dos pontos cruciais do tantrismo para se chegar à transcendência. Para a realização é necessário toda uma preparação, não se trata de um simples ato sexual, mas do encontro dos deuses personificados na figura humana. Este momento deve ser de total entrega, buscando a satisfação espiritual.

A ejaculação é proibida ao yogin, pois se houver é considerado um desperdício de energia, de força vital e deve ser, sobretudo preservado. Tendo assim a finalidade de construir uma nova realidade sagrada. O maithunâ deve acontecer sobre a orientação de um Guru, o guru é um professor e guia espiritual que tem a função de iniciar e ajudar seus discípulos.

[...] A mulher que participa do rito deve ser devidamente consagrada pelo banho ritual e outras cerimônias de purificação, e o ideal é que também ela siga o caminho da espiritualidade. O yogin não deve ver nela uma pessoa do sexo oposto, mas sim a deusa, Shakti, e do mesmo modo deve identificar-se com Shiva. (FEUERSTEIN, 2005, p.444)

Neste capítulo podemos ver de forma clara e objetiva definições, significados básicos para uma leitura rápida do tantrismo, com a finalidade de facilitar a compreensão desta cultura que influenciou várias religiões em âmbito oriental. O culto à Deusa mãe que foi resgatado pelo tantrismo e se mantém firme nesse contexto, funcionando como base para o tantrismo.

É importante observar como a prática da sexualidade sagrada de forma impar leva o ser humano a um caminho de libertação e transcendência, amparada sobretudo a uma série de subsídios que trilham um caminho de muitos mistérios.

Yoga, Mantras, Chakras, Mandalas, Yantras e Mudrâs são fundamentais para facilitar e levar a união dos pólos masculino e feminino, Shiva e Sâkti, ascendendo a kundalini. Obviamente que o tantrismo assim como outras formas de espiritualidade sofreu mudanças, e chegaram a mãos erradas, sobretudo em sua viagem pelo mundo ocidental, onde muitas vezes não foi utilizado como instrumento de transcendência pelos praticantes, mas sim para satisfação dos próprios desejos.

Buscando alicerçar a realidade corpórea na busca espiritual, rejeitando a ortodoxia hindu e budista, os tântrikas, (praticantes do tantrismo) introduziram dessa forma a sexualidade. Embora sejam mal vistos e acusados de utilizar-se da espiritualidade para a prática do hedonismo até a atualidade pela sociedade, obviamente que existem as exceções

e que alguns casos de fato podiam se associar a libertinagem, porém em sua grande minoria e não poderia se aplicar como regra.

2. HISTÓRIA DO CULTO A DEUSA NOS TEXTOS HINDUS

2.1 Shakti

A Grande Deusa fonte de toda criação, realidade última, conhecida também como Shakti, é a energia primordial que provém todas as outras divindades posteriores a ela. Antes de considerar e aprofundar este capítulo em torno da importância e relevância do sagrado feminino no tantrismo, devemos inicialmente ressaltar o culto a Deusa Mãe que sempre foi crucial ao Shaktismo³ e também integrado ao Hinduísmo. Acredita-se que o pensamento Sakta estava presente desde os Vedas tendo posteriormente sido desenvolvido.

[...] “Os Veda são um grande monumento literário, filosófico, religioso e cultural que serve de inspiração para toda tradição Indiana. Na história da Índia, chamamos de período védico aquele compreendido desde a chegada dos Indo-Europeus (*ārya*) no subcontinente indiano, até a produção dos últimos textos dos *Veda*, por volta de 800 a.C.” (GNERRE, 2011, p.33-34)

Nos vedas o sagrado feminino aparece de forma velada, na forma do culto a Chandra, a Lua. Mas em outros textos hindus de períodos posteriores, vemos o culto a Shakti se expandir com toda sua potência. Outros autores enfatizam também que o pensamento Sákta teria sido a fusão e unificação de diversas divindades femininas.

Segundo Bianchini autora de O estudo da religião da Grande Deusa nas Escrituras Indianas e o Canto I do Devi Gita, Bhattacharyya sugere que inicialmente existia um “Saktismo dependente”, no qual havia cerimônias de culto a Visnu, Siva e das divindades dos budistas e jainistas, junto com suas respectivas consortes, instalados em numerosos templos de proporções magníficas construídos nesta fase. O culto nos santuários públicos, se tornou uma característica muito importante da vida religiosa, sendo, evidentemente, a criação de tais templos e de suas imagens resultante do desenvolvimento econômico. O culto do princípio feminino estaria subordinado ao manto das correntes vaisnava⁴, saiva⁵, budista e jainista, e a colocação das deusas ao lado dos deuses de todos esses sistemas, como seus cônjuges e símbolos de sua energia ou sakti, teria sido importante para o passo

³ Shaktismo é uma denominação do hinduísmo dedicado ao poder divino feminino personificado em várias deusas.

⁴ Ou seja, dos adoradores do deus Vishnu.

⁵ Adoradores de Shiva.

seguinte. Segundo Bhattacharyya, essa situação evoluiu para um “saktismo independente”, no qual o culto às deusas deixou de ficar subordinado aos devas (Bhattacharyya, 1996, p.108). Levando em consideração que o verdadeiro saktismo está caracterizado pela adoração de uma Grande Deusa suprema.

A Era Clássica da Índia conhecida também como a Era Gupta ocorreu entre os séculos III e VI d. c., e foi o período responsável pela ascensão do culto à Deusa Mãe. Foram construídos inúmeros templos e esculturas que representavam a figura feminina, além de conquistar níveis mais altos da sociedade, fazendo com que houvesse um grande crescimento econômico da Índia resultando na estruturação das classes sociais. O culto a Deusa Mãe nesse período é caracterizado pela adoração da deusa em seus aspectos individuais e coletivos.

O princípio feminino encontra-se presente na composição dos *Purānas* e dos *Tantras*, e no decorrer deste capítulo iremos abordar de forma objetiva a importância desses textos.

2.1.1. Purānas

Os Purānas tratam-se de um conjunto de textos antigos composto por narrativas relacionadas as divindades, verdadeiras enciclopédias. Podemos encontrar narrativas nesses textos relacionadas as mais variadas questões, desde a criação e destruição do universo, como: mitos, histórias, origem das coisas, tradições e mais outros variados assuntos. Os Purānas dividem-se em dois tipos: Mahā-Purānas (“Grandes Purānas”) e Upa-Purānas (“Purānas Secundários”).

Os Puranas são enciclopédias populares que seguem o estilo divagante e multifacetado da epopéia Mahabhata, embora sejam um pouco mais estruturados. A palavra Purana por si significa “antigo” e, no caso, denota uma narrativa cuja origem se perde na noite dos tempos; refere-se especificamente ao conteúdo das narrativas, que tratam das origens das coisas – desde a genealogia das dinastias reais até a genealogia do próprio universo. Os Puranas são uma mescla de mito, história e tradição. (FEUERSTEIN, 2005, p.366)

2.1.2 Mahā-Purānas

Os Mahā-Purānas que significa “Grandes Purānas” são dezoito. Os Purānas das correntes Vaisnava e Saiva, correntes devocionais de Visnu e Siva respectivamente,

exaltam seus poderes como deuses supremos. Nesses Purānas está presente o princípiofeminino conhecido como Prakrti, Māyā ou Sakti. Porém a Sakti estaria subordinada a um deva identificado como Brahman. Enquanto nos PurānasSakta, a Grande Deusa esta representada como poder supremo e criador.

[...] Os 18 *Mahā-Purānas*: *Brahmā, Padma, Visnu, Agni, Vāyu, Bhāgavata, Nārada, Mārkandeya, Bhavisya, Varāha, Skanda, Garuda, Kurma, Brahma-Vaivarta, Linga, Matsya, Brahmānda, Vamāna*; mas há listas diferentes. (FEUERSTEIN, 1998, p.366).

Em muitos dos Maha-Purana faz-se menção à Grande Deusa, com diferentes nomes e formas, instruindo seus devotos a adoração em busca da perfeição. A medida que seu culto cresce também aumenta a construção de templos e esculturas que remetem a Grande Deusa. “Considera-se que os mais importantes Purānas do ponto de vista Sakta são o MarkandeyaPurana, BrahmandaPurana, e o Devi BhagavataPurana, pois eles se constituem em escrituras-chave no desenvolvimento das concepções centrais do Saktismo” (Bhattacharyya, 1996, p.163-166).

2.1.3 Tantras

Não se sabe ao certo em que dado momento da história se deu a origem dos Tantras sejam eles budistas ou hindus, segundo Feuerstein: “O típico Tantra original apresenta-se em forma de diálogo e não é atribuído a nenhum autor humano, mas à própria Divindade. As obras posteriores, os resumos em especial, tendem a ser atribuídas a autores humanos e, no geral, têm mais qualidade gramática e estilística.” (FEUERSTEIN, 2005, p.418). Saraswati sugere: “Na tradição mítica, é dito que *Dattatreya*, considerado como a encarnação da trindade hindu (*Brahma, Vishnu e Shiva*) em um só ser, é o autor de todos os *Tantras*.” (SARASWATI, 2008, p.19).

Segundo Feuerstein a tradição hindu afirma que existem sessenta e quatro *Tantras*, mas o verdadeiro número dessas obras é muito maior. “Assim, pode-se definir um *Tantra* como um texto que amplia compreensão a ponto de permitir o nascimento da verdadeira sabedoria.” (FEUERSTEIN, 2005, p.418).

A linguagem utilizada na escrita dos tantras foi o sânscrito. Um estilo de linguagem chamado Sandha-Bhasha (intenção, propósito deliberado), foi utilizado nos tantras para que as informações contidas no texto destinadas aos iniciados não pudessem cair em mãos profanas.

A linguagem dos Tantras seria a representação de um microcosmo, o duplo verbal, a expressão sonora do universo (macrocosmo) e do corpo. Para decifrar essa linguagem, não bastaria apenas ter as chaves do conhecimento tradicional tântrico, mas principalmente ter penetrado nos símbolos de forma vivencial, identificando-se aos próprios símbolos no rito tântrico. A poesia e a linguagem do tantrismo se assemelhariam por serem ambas experiências práticas concretas. (SARASWATI, 2008, p.22).

Segundo Saraswati, “O *Tantra* pode ser distinguido entre o *Tantra Primordial* (provavelmente muito anterior a 10.000 a.C.), conhecido como *Ady Tantra*, o *Tantra Natural* (encontrado nas primeiras comunidades neolíticas) e o *Tantra Clássico*, o hindu, codificado literária e historicamente entre o período da guerra de *Kurukshetra* e o aparecimento do Budismo (1200 a 450 a.C.)” (SARASWATI, 2008, p.22).

2.2 Sagrado Feminino

Tendo em vista o princípio primordial do tantrismo como a libertação e expansão do conhecimento, podemos entender que o templo para conexão com o transcendente, com os deuses é o corpo e somente através dele é possível atingir a realização espiritual e alcançar o desenvolvimento integral do ser humano, levando em consideração os aspectos físicos, mentais e espirituais.

Por meio de exercícios de controle consciente sobre o corpo e a mente se tem o objetivo de alcançar o absoluto, transcendendo a condição humana. O Tantrismo traz a redescoberta do culto à Deusa Mãe, sabendo que toda mulher torna-se a encarnação da Shakti.

O culto da Deusa, que está no âmago de muitas escolas tântricas, já existia no princípio da época védica. Os mestres e praticantes do Tantra só aproveitaram-se das histórias sagradas e elementos rituais já existentes que tinha por objeto a Deusa, e que sobreviveram até hoje, especialmente nas comunidades rurais da Índia. Alguns estudiosos, por isso, atribuíram ao Tantra uma antiguidade tão grande quanto a dos Vedas, senão mesmo maior. Enquanto fenômeno literário, porém, o Tantra não parece ter surgido muito antes da metade do primeiro milênio d.C. (FEUERSTEIN, 2005, p.418).

Segundo Bianchini “A Deusa é vista como a criadora, a sustentadora e a força destruidora que dissolve o universo quando chega o momento para isso. Além desse seu aspecto cósmico ou externo, no tantrismo a deusa passa a assumir um aspecto interno, explorado nos *Tantras* e em muitos textos sobre *Yoga*. Internamente, no *sadhaka*, ela é a *KundaliniSakti*, a serpente enrodilhada que permanece adormecida do *cakramuladhara* à

espera de ser acordada. Este é o fundamento do *Tantra Yoga* ou *Kundalini Yoga*, que é um dos temas tratados no *Devi Gita*.” (BIANCHINI, 2013, p.108-109).

Vale lembrar que o tantrismo não se trata de uma terapia sexual, mas de uma filosofia comportamental que faz uma síntese entre a teoria e a prática, uma prática de realizações denominada *sâdhana*, e justamente dispor de uma base prática o Yoga se torna um elemento central.

Para o tantrismo, a produção do universo é um ato de amor. Shakti e Shiva se amam antes e durante a criação. Numa analogia comparativa, a prática do amor humano seria um fragmento infinitesimal, pequeno e pálido reflexo do ato criador. (SARASWATI, 2008, p.19).

Mesmo que essa prática seja disponível a todos é importante que aja uma iniciação que só pode ser realizada através de um Guru, pessoa qualificada para tal, nesse quesito o tantrismo se assemelha analogicamente as variadas formas de Gnose que proliferaram nos primórdios do Cristianismo.

Para que o ser humano possa vivenciar em todas as suas possíveis potencialidades de criatividade, espontaneidade e espiritualidade, o *Tantratem* como meta em seus *Sadhana*s (práticas) a liberação da energia que está bloqueada no corpo e na mente. A prática tântrica promoveria um processo de refinamento interior, levando em direção a uma perfeição na interação consigo mesmo, o outro, a natureza e todo o cosmo. Simbolicamente, esse processo teria como resultado uma sutil manifestação no ser das qualidades de onipotência, onipresença e onisciência, pertencentes a mais alta realidade. (SARASWATI, 2008, p.204)

Sobre as origens da Deusa Mãe, suas características e a criação dos deuses e deusas, Jonhsen diz que:

Antes do início, ela existia como uma massa de consciência, ilimitada, autoconsciente, obstinada. Entediada com a sua própria perfeição imutável, ela projetou um cosmo da fração de uma fração do seu informe. Flocos de espuma desse vasto oceano de energia consciente congelaram em universos distintos. Algumas dessas energias assumiram as funções de Deuses e Deusas dos sistemas mundiais (JONHSEN, 1996, p.161).

Em seguida ela continua ao narrar o surgimento da vida, após a Deusa Bhumesvari louvar a Mãe Universal criando os continentes, delimitando as terras e o surgimento dos seres vivos.

Na grande e silenciosa expansão, a Deusa Bhumesvari começou a louvar a Mãe Universal; conseqüentemente, a vida explodiu em suas praias. Os continentes tomaram forma, aglutinaram-se separaram-se. Seres de todos os formatos, e inteligências fizeram devoções nas terras e nas águas. E, na era do progenitor Vaivasvata, no continente de Jambudvipa,

onde o rio Sarasvati, com oito quilômetros de largura, banhava o fértil vale do Indo, uma raça humana começou a prosperar. Desde as eras paleolíticas, onde quer que nascessem mulheres e homens, a Mãe era reverenciada (JONHSEN, 1996, p. 161).

Johnsen diz que de acordo com o *Tantra* a Deusa Mãe é o verdadeiro Eu interior, que reside em cada um de nós. “Eu sou a inteligência da qual emana o universo e da qual ele é inerente, como um reflexo no espelho. Os ignorantes acreditam que eu sou simplesmente matéria inerte, mas os sábios me vivenciam como o seu verdadeiro Eu interior. Eles me vislumbram quando as suas mentes se tornam tão tranqüilas e claras como um oceano sem ondas” (JONHSEN, 1996, p. 163). A trindade composta por Brahma, Vishnu e Shiva, e o grande panteão de deuses existentes seria a manifestação da própria Deusa. “Brahma, Vishnu, Shiva, os Deuses de todas as direções e suas energias, na verdade todas as entidades em todos os planos de existência são manifestações de mim mesma. O meu poder é vasto demais pra ser imaginado. Contudo, os seres não me conhecem porque as suas mentes estão amortalhadas na ignorância. Isto também é o meu poder.” (JONHSEN, 1996, p. 163-164).

3. A FIGURA DA MULHER NA SOCIEDADE INDIANA ATUAL

Ao analisarmos a mulher na sociedade indiana atual é notável sua desvalorização e os inúmeros casos de violência sexual, sofridos de forma individual e coletiva. Mas como é possível em uma sociedade que por tanto tempo viu nas mulheres a própria Grande Deusa, energia primordial, haver tantos casos de violência contra a mulher? Como as mulheres podem ser essenciais em um culto embora sofram em uma sociedade machista, em que há estupros coletivos? Ao longo deste capítulo iremos apresentar mulheres que tiveram extrema importância e influenciaram pessoas, independente de gênero com sua devoção e dedicação aos deuses, tornando-se grandes mestras e que até os dias atuais são consideradas santas. Além de fazer um breve levantamento sobre os casos de violência contra a mulher nos dias atuais.

3.1 Filhas da Deusa

Fazendo um breve apanhado podemos tomar como base o livro “Filhas da Deusa, as mulheres santas na Índia de hoje” de Linda Johnsen, que apresenta histórias de mulheres que dedicaram suas vidas a adoração dos deuses e por isso, hoje são consideradas santas. As mulheres santas são pessoas humildes e desprovidas de qualquer vaidade, que abriram mão de uma vida confortável e de riquezas.

Mira Bai é a mais amada das mulheres santas da Índia, mas existem muitas outras. AkkaMahadevi, uma devota do Deus Shiva, foi ainda mais notória do que Mira nas convenções sociais ostensivas. Mahadevi participou do movimento Vira Shaivite (“Heróis de Shiva”), que causou uma comoção do Sul da Índia no século XII d.C. (JOHNSEN, 1996, p.16)

Por muitas vezes a dedicação e devoção dessas mulheres aos deuses eram consideradas lunáticas, mas tudo que fosse contrário a essa devoção era descartado rapidamente. Exemplo disso foi o casamento de Mahadevi, que foi completamente desfeito devido seu esposo o PríncipeKauschika, não concordar com suas rotinas devocionais. Pouco tempo depoisMahadevi juntou-se ao Vira Shaivanismo. “Os Vira shaivites eram renegados sociais que rejeitavam as distinções de casta, o sexismo e o ritualismo, criando

uma pequena contracultura igualitária na qual o ardente amor por Deus orientava seus trabalhos e os seus relacionamentos” (JOHNSEN, 1996, p.16-17).

A devoção de Mahadevi ao deus Shiva era tamanha que ela passou a ser respeitada naquele período pelos sulistas indianos, tornando-se uma lenda viva. Mahadevi entregou-se a sua fé abrindo mão de qualquer lei imposta pela sociedade, andava sem vestes.

Algumas das declarações de Mahadevi atravessaram os séculos, e, portanto, ainda hoje, ela fala conosco. Ela comparava a alma humana a um bicho-da-seda tecendo um casulo sufocante para fora da sua própria cabiça e pedia a Shiva, ”meu lindo Senhor, branco como o jasmim”, para nos libertar. Comparavamaya, a força da ilusão e do desejo que mantém as almas presas à roda da transmigração e os planetas girando em suas tediosas órbitas, a um vaqueiro pastoreando os mundos com uma vara voltada para o céu. Descrevendo a totalidade de sua entrega a Deus, ela dizia: ”Se eu for apanhada pela chuva, aceito as águas como o meu banho. Se for apanhada por uma avalanche, considero as pedras que rolam como flores para o meu cabelo. Se a minha cabeça cair dos meus ombros, meu lindo Senhor Shiva, aceite-a como minha oferenda! (JOHNSEN, 1996, p.18-19).

Mahadevi morreu com menos de trinta anos, após seu casamento (“união mística”) com Shiva em Srishaila. “Os últimos dos seus famosos versos sugerem que, lá, ela o encontrou, perdendo a si mesma em uma realidade totalmente impregnante, além da forma e do pensamento; “Não consigo descrever o que isto é. Não se dizer se é união ou harmonia. Tendo me fundido ao meu Senhor, branco como o jasmim, não tenho mais nada a dizer. ” (JOHNSEN,1996,p.19)

Após a morte de Mahadevi os vira shaivites, adeptos do vira shaivanismo⁶, foram massacrados pela milícia a mando do rei, por terem celebrado um casamento de pessoas de diferentes castas. Segundo Johnsen “O Tantra é a religião das massas, daqueles que desejam vivenciar a presença divina em seus corações apesar do fato de, tecnicamente, a sua casta ou o seu sexo impedirem o acesso a este conhecimento. ” (JOHNSEN, 1996, p. 19-20)

O Tantra em posição oposta ao Bramanismo ortodoxo daquela época desenvolveu-se entre homens e mulheres com ensinamentos em que a sinceridade, autodisciplina e motivação são suficientes para a prática do tantra. Tendo em mente que o princípio central é o *adhikara*, que significa “merecimento”. “De acordo com os adeptos

⁶ Uma linhagem escola do Shivaismo, fundada por um importante sábio por volta de 1200 e existente até os dias atuais.

tântricos, o merecimento é uma questão de sentimento, e não da classe, do sexo ou da nacionalidade de uma pessoa” (JOHNSEN, 1996, p.21).

Outro caso descrito pela autora Linda Johnsen é o de Lallesvari, que após anos de dedicação e sofrimento durante seu casamento, fugiu entregando-se ao aprendizado e a prática do tantra.

“Frequentemente, os maus casamentos impeliam as mulheres indianas a imergirem na vida espiritual. No século XIV, em Kashmir, um marido indiferente e uma sogra viciada conduziram Lallesvari a Deus. Pacientemente, durante doze anos, Lalla lutou para que o seu casamento desse certo, até que finalmente percebeu que, em face do contínuo abuso, continuar a desempenhar o papel da esposa ideal, submissa, não era nobre; era estúpido. Fugiu para a casa do seu guru, Sri Siddhanath, onde aprendeu e praticou a essência do Tantra: kashmirshaivanismo.” (JOHNSEN, 1996, p.19).

A autora continua: “Sri Siddhanath, profundamente impressionado pelo *adhikara* de Lalla, iniciou-a nos mistérios dos trinta e seis *tattvas* (elementos), mostrando-lhe como mudar a sua percepção dos elementos físicos para aqueles estados da matéria sutil que só existem na mente. Depois, ensinou-lhe como direcionar a sua consciência para níveis ainda mais sutis, além do alcance do intelecto humano comum. Segundo a lenda, ele a ajudou a romper as cinco *kanchukas*, ou condições limitadoras que separam a consciência humana do ser divino: a ilusão de que existe alguma coisa que não podemos realizar; a ilusão de que existe alguma coisa que não conhecemos; a ilusão de que existe alguma coisa fora de nós mesmos, que, por sua vez faz surgir o desejo; a ilusão de que somos limitados pela casualidade; e a ilusão de que o espaço separa um objeto do outro. ” (JOHNSEN, 1996, p.21)

A sabedoria de Lalla, dedicação e devoção a tornaram uma mestra, surpreendendo a todos. “A profundidade de sua sabedoria surpreendia os seus contemporâneos, inclusive o próprio Siddhanath. O fator mais impressionante era que a origem da sua percepção não estava no “conhecimento teórico” como o de tantos eruditos da época, mas na sua experiência meditativa. ” (JOHNSEN, 1996, p.21).

Assim como Mahadevi e Lallesvari tiveram uma história de dedicação e devoção ao sagrado existe outras milhares de mulheres na Índia que se tornaram mestras, alcançando alto grau de espiritualidade. A exemplo disso é Anasuya Devi, que se diferenciou de Lallesvari e Mahadevi ficou feliz em se casar e conviveu em harmonia com sua espiritualidade e vida conjugal. Anasuya chamava atenção por sua profundidade de compreensão, surpreendendo até a sua própria mestra. Anasuya atingiu a concentração

meditativa profunda enquanto se movimenta em estado de vigília, chamado *sahajasamadhi*.

A certa altura, Anasuya notificou ao Dr. Sitachalam, de Kommur, que ela partiria em uma viagem de onze dias. Poderia ele fazer o favor de cuidar do corpo dela e garantir que ninguém o removeria? O médico estava presente quando ela “partiu”. O seu batimento cardíaco e sua respiração cessaram e o seu corpo se enrijeceu, ficando com uma palidez cinza-azulada. No quarto dia, a sua atormentada família estava pronta para cremá-la, mas o médico insistiu ansiosamente para que adiassem. No décimo primeiro dia, a cor voltou às suas bochechas e ela se ergueu do seu catre para reassumir os seus afazeres domésticos. (JOHNSEN, 1996, p.24)

Anasuya não seguia regras ou um manual, mas sua própria existência, baseada na graça da própria Shakti. Johnsen sugere que “no Tantra Shaivite, o estado mais elevado de consciência pura e genuína (Shiva, a suprema Divindade) é, simultaneamente, a consciência/poder transbordante (Shakti, a Deusa primordial) que se manifesta como o universo e todos os seus habitantes”. Da mesma forma que existiram homens muito sábios que fizeram parte da espiritualidade indiana e transmitiram seu conhecimento e autoridade espiritual a mulheres, vendo a partir disso o princípio feminino: sem o poder de Kali, Shiva não é capaz de se erguer.

À primeira vista, Sri Ma é uma Deusa inverossímil. Não há nenhuma aura de autoridade nela; é tão humilde que eu poderia ter imaginado que ela era a serva de um dos prósperos devotos indianos; Sri Ma era completamente transparente, quase invisível. Nela não havia agitação de espécie alguma; era quase como se o próprio ar não fosse perturbado quando ela passava (JOHNSEN, 1996, p.47)

Sri Ma foi uma grande mestra indiana considerada santa, de família rica que optou por uma vida humilde dedicando-se a sua devoção a Deusa.

Tinha dezesseis anos quando se embrenhou na floresta, abandonando uma vida de luxo para imergir completamente na divindade que a tudo permeia. (JOHNSEN, 1996, p.47)

Sua vida foi dedicada exclusivamente a servir seus devotos. Seu guru se chamava Ramakrishna Paramahansa de quem recebeu várias orientações e era considerado uma encarnação de Deus por uma parte dos líderes religiosos indianos da época.

Sri Ma veio para os Estados Unidos em 1984, por solicitação do seu guru, Ramakrishna Paramahansa. Essa era uma ordem surpreendente, especialmente porque Ramakrishna havia morrido sessenta anos antes de Sri Ma nascer. (JOHNSEN, 1996, p.49)

Vindo para a América por orientação de seu guru Sri Ma encontrou grande dificuldade para criar templos dedicados a Deusa na década de 1980. Anos depois Sri Ma

conseguiu transferir o templo para o condado de Napa. Sri Ma era muito discreta não fazia publicidade e era considerada uma mãe perante seus seguidores. Sua rotina era simples, fazia os serviços de uma dona de casa diariamente enquanto conversava com os visitantes. Sua missão já teria sido prevista ainda na barriga de sua mãe, e quando pequena era consultada por aldeões, sua profundidade de compreensão impressionava a todos. Além de Sri Ma, Sarada Devi também foi inspirada por RamakrishnaParamahansa. Esposa e discípula deram continuidade ao seu trabalho e iniciou qualquer pessoa que lhe procurasse. Tornando-se uma das maiores santas do século XX.

Entre essas mulheres santas da Índia, que encarnam em vida o princípio do Sagrado Feminino, temos também NirmalaSundari, que foi uma grande mestra conhecida por sua alegria, chamavam-na de “A Mãe impregnada de alegria”. Nasceu em 1896, na cidade de Kheora hoje conhecida como Bangladesh. Nirmala era de uma beleza única, esteticamente e espiritualmente falando.

De 1918 a 1924, Nirmala desinteressadamente se observou passar pelos vários estágios da sadhana, a prática espiritual. Desde o momento do seu nascimento plenamente consciente, quando ficou olhando as árvores, Nirmala aparentemente permaneceu no estado de sakshin, como é chamado o estado de testemunho lúcido na yoga. Ela não percebia estar fazendo coisa alguma. Tudo estava apenas acontecendo. (JOHNSEN, 1996, p.74)

Nirmala não teve êxito em sua busca por um guru que realizasse sua iniciação, por ser de origem humilde e iletrada. No entanto essa questão não atrapalhou seu desenvolvimento espiritual, ela iniciou a si mesma, foi sua própria guru.

Em 3 de agosto de 1922, numa ruptura total com toda a história da tradição religiosa hindu, NirmalaSundariChakravarti se sentou e iniciou a si mesma. A yoga ensina que o guru, o mantra que ele confere durante a iniciação e o discípulo são, na realidade, uma única coisa. Já estabelecida naquela realidade indivisível, AnandamayiMa dramatizou esta unidade quando interpretou os papéis de mestre e de discípulo simultaneamente, com o seu Eu superior conferindo o mantra ao seu eu inferior. Assim, ela recebeu o mantra diretamente da divindade interior e tornou-se uma das poucas sábias do hinduísmo que, como BrahamajnaMa (Mãe do Conhecimento Supremo) e RamanaMaharshi, alcançaram a plena iluminação sem a ajuda de um guru. (JOHNSEN, 1996, p.74-76)

A princípio seu marido acreditava que Anandamayi estava possuída por demônios ao ver as primeiras manifestações e movimentos espontâneos do hatha yoga. Depois passou a compreender sua espiritualidade e tornou-se seu primeiro discípulo gerando polêmica. Após se mudarem para uma casa de campo, Anandamayi passou a receber pessoas em sua casa pelas curas milagrosas que operava e por seu canto. Sendo

reconhecida por seus seguidores como Mãe de Shahbag e logo depois por Mãe do Mundo. A compaixão de Anandamayi alcançava a todos independente de casta, credo, nacionalidade ou grau de instrução.

Em anos mais recentes temos o relato da vida de AnandiMa foi uma mestra adepta da KundaliniMaha Yoga, deixou sua família e seguiu sua caminhada ao lado de seu mestre. Iniciou várias pessoas nos mistérios da Kundalini auxiliando seu mestre, por volta de 1976 nos Estados Unidos. Possuidora de uma energia espiritual única aprendeu com seu guru chamado DhyanyogiMadhusudandas, a controlar o excesso de sua própria energia. Por recomendação de DhyanyogiMadhusudandas casou-se com Dileepji e passaram a trabalhar juntos, com o objetivo de evoluir espiritualmente e ajudar os ocidentais, já que teriam deixado o oriente com esse propósito.

Linda Johnsen em entrevista com AnandiMa e Dileepji faz alguns questionamentos sobre a *kundalini* e ele apresenta os princípios da KundaliniMaha Yoga a partir dos ensinamentos de seu mestre: “O que Dhyanyogi sempre experimentava era deixar a pessoa receber *shaktipat* para despertar a *kundalini*. Se ela vem ou pratica, não importa. Em algum momento, ela ainda vai se beneficiar, porque o principio da KundaliniMaha Yoga é que a própria *kundalini* move você para mais perto do objetivo. Não importa o que a pessoa faça, a energia vai funcionar. Ele mantinha isto muito aberto. Você vem ou vai. Se você quer receber *shaktipat*, ele sempre dá a energia. Algumas, depois do *shaktipat*, nós nunca mais vemos; vão embora para sempre. Porém, em um nível sutil, a energia ainda irá orientá-las e ajudá-las”. Dileepji continua a conversa enfatizando a importância do guru e complementa sobre a KundaliniMaha Yoga: “O principio da KundaliniMaha Yoga é que, uma vez que a energia é despertada através do *shaktipat*, ela permanece ativa pelo período de três vidas. Dentro deste período, com certeza, levará a pessoa ao objetivo, por bem ou por mal, como nós dizemos. É por esta razão que vemos algumas pessoas passarem por grades catástrofes em suas vidas, grandes acidentes ou perderem alguém a quem eram muito apegadas. Muitas vezes, isto é a *kundalini* ocasionando um rude golpe que, por assim dizer tira a pessoa do seu sono: ‘Ei! Já é hora de acordar e começar a se movimentar’.” (JOHNSEN, 1996, p.99)

Outra importante referência é Sri Malti Devi é uma guru, que recebeu o nome monástico de GurumayiChidvilasananda. Após a morte de seu mestre Baba Muktananda, Gurumayi que antes era uma simples tradutora de inglês passou a dirigir os centros mundiais de Siddha Yoga. “Muktananda era um ardoso devoto do *chitshakti*, o principio feminino do universo, que ele descrevia como “a alma vibrando no coração.” (JOHNSEN,

1996, p.109). Seu mestre reverenciava e via nas mulheres a essência da própria *Shakti*. “Os ensinamentos de Gurumayi enfatizam não tanto as obscuridades filosóficas do kashmirshaivanismo (a herança espiritual de Muktananda) quanto as disciplinas práticas da vida espiritual e a felicidade de amar e servir a humanidade. ” (JOHNSEN, 1996, p.110). Uma de suas missões é viajar por todo mundo disseminando o amor, que seria sua principal mensagem, demonstrando sempre otimismo e boa vontade mesmo com uma rotina tão atarefada.

As conferências publicas constituem apenas uma parte da sua programação estafante; Gurumayi também faz questão de visitar os devotos em suas casas e em seus trabalhos. (JOHNSEN, 1996, p.110).

Gurumayi não faz distinção entre pessoas independente de sua classe social ou etnia, se dedica diariamente aos seus devotos, praticando a caridade beneficiando os mais pobres com alimentos, vestimentas, exames médicos e medicamentos. Gurumayi chama atenção por sua simplicidade e beleza, está sempre vestida com um manto cor de laranja e a cabeça quase que em sua totalidade raspada. Os mestres do Siddha Yoga consideram que:

O guru externo pode indicar o caminho, orientando, inspirando e até mesmo administrando doses de shaktipat, mas o sucesso só pode ser garantido quando o devoto aplica aquele inevitável aspecto da graça: o esforço sincero. (JOHNSEN, 1996, p.125)

Ma Yoga Shakti é uma yogini avançada, aprendeu desde muito cedo a prática do Yoga, através de sua avó. Antes de se tornar uma swami errante, Ma Yoga Shakti tinha uma rotina de uma mulher simples. “Constituiu uma família, completou um mestrado em Ciência Política, lutou pelo direito das mulheres da Índia e estabeleceu uma instituição para mulheres em Bihar. Hoje, é a diretora espiritual de *ashrams* em Bombaim, Nova Deli, Calcutá e Madras, bem como em Nova York e na Flórida. ” (JOHNSEN, 1996, p.126-127).

Ma Yoga Shakti enfatiza o que seria a *hatha yoga* “A *hatha yoga* é apenas uma prática preliminar para manter o corpo saudável. Há quatro etapas da yoga. A primeira é a *karma yoga*; a segunda, a *bhakti yoga*; a terceira, a *raja yoga*; e a quarta é a *jnana yoga*. Elas não são caminhos diferentes. São um único e o mesmo caminho. Primeiro, você resolve ou seus problemas cotidianos, *karma yoga*. Seja eficiente e perito no seu trabalho diário. *Bhakti* significa que você purifica as suas emoções, o seu coração, a sua mente. Então, você é uma boa pessoa para a família e também para a nação. Quando você ama a Deus, também ama a sua criação. A criação é uma manifestação da glória de Deus. ” (JOHNSEN, 1996, p.132).

AmritanandamayiMa é o nome monástico de Sudhamani, uma mulher de origem muito humilde que sofreu violência física e psicológica por anos, durante toda sua infância. Praticava o Karma Yoga e estava sempre dedicada a adorar Krishna. Ainda na sua mocidade estava entregue e concentrada em pensamento a Deusa.

Na última década, milhões de pessoas vieram simplesmente para olhar a mulher santa de Kerala. Quando Ammachi (“Querida Mãe”, como os indianos a chamam carinhosamente) aparece em público, milhares de pessoas vêm correndo de suas aldeias para receber as suas bênçãos. Ela é o que os indianos chamam de uma mahatma, uma grande alma. Dizem que ela é a personificação do amor absoluto e incondicional. (JOHNSEN, 1996, p.140)

Sudhamani também conhecida como Ammachi, mesmo tendo que abandonar a escola muito cedo é uma mulher muito sábia, compreende o Vedanta, Tantra e Yoga sem possuir alguém que lhe instrua como um guru.

A missão de Ammachi não parece ser a de reiterar que, através da prática combinada, podemos alcançar a sahasasamadhi, o estado de contínua absorção da consciência divina, mas sim a de nos mostrar o que aquele estado realmente é. (JOHNSEN, 1996, p.142)

Para Ammachi a riqueza e a prosperidade espiritual é o que nos leva a felicidade e ao amor, as coisas materiais não são importantes. Ammachi ensina que: “Primeiro, desenvolver um amor exclusivo em direção a Deus. Quando este amor torna-se o centro da sua vida e à medida que as práticas devocionais se tornam cada vez mais intensas, a sua visão se modifica. Você compreende que Deus reside em todos os seres, inclusive em você, como consciência pura. À medida que esta experiência se torna cada vez mais forte, o amor dentro de você também cresce, até que, finalmente, você se transforma nele. O amor no seu interior se expande e abraça todo o universo com todos os seus seres. Você se torna a personificação do amor. Este amor remove toda a sua secura. É a melhor cura para todos os bloqueios emocionais e para todos os sentimentos negativos.” (JOHNSEN, 1996, p.143).

Ammachi recomenda para os praticantes da Yoga a prática da *dhyana* (meditação), *japa* (lembança de Deus), *kirtan* (canto devocional) e *seva* (serviço desinteressado) como caminho para a evolução espiritual. Seu objetivo é servir as pessoas para que elas possam servir e adorar a Deus.

3.2 Violência contra a mulher

Tendo em vista que a Índia é um país multirreligioso e que sofreu influências de outras culturas, não tendo somente o Hinduísmo como religião pode observar que o culto ao sagrado feminino não acontece em todas as regiões da Índia. Os inúmeros casos de violência registrados contra as mulheres indianas são conhecidos por meio dos canais de comunicação. Ao questionarmos por qual motivo a Índia que tem em sua história um grande “movimento” em adoração a Deusa Mãe, ao sagrado feminino, tenha em contrapartida uma enorme quantidade de casos de violência de forma incoerente.

Assim, nem todos os indianos são praticantes de formas devocionais do sagrado feminino – longe disso. Porém, tendo em vista que a grande maioria do contingente populacional é de ascendência hindu, seria de se esperar também, na práxis social, uma possível preservação de valores associados ao sagrado feminino, que se mantém em ritos constantemente praticados há milênios. (GNERRE, 2013, p. 144)

Ao buscarmos uma resposta para esse questionamento, Gnerre aborda de forma explicativa baseando-se nas historiadoras Uma Chakravarti e Kum Kum Roy, facilitando nossa compreensão para determinada questão. “Há um lugar bem delimitado para o sagrado e empoderamento feminino, e esse lugar parece estar cada vez mais restrito ao interior dos templos. Por outro lado, diversos analistas apontam a emergência de um movimento feminista na Índia, que se consolida por meio de diversas organizações e atividades. Tendo em vista todas as transformações intensas que sociedade indiana já passou ao longo de milênios, acreditamos na emergência de um novo ciclo de empoderamento feminino naquele país, tanto por meio do resgate de valores instituídos pelo ciclo medieval que aqui apresentamos quanto pela instituição de novos valores positivos associados ao feminino” (GNERRE, 2013, p. 144-145).

Gnerre sugere: “No momento histórico contemporâneo, em que se registra desde a década de 60 um interesse crescente por novos valores, (sobretudo em países do ocidente), o paradigma da sacralidade feminina mostra-se como grande alternativa para a construção de relações sociais e ecológicas mais integradas. Nesse sentido, a tradição do *saktismona* Índia ainda tem muito a nos dizer. Espera-se que também a sociedade indiana possa escutar a voz da própria tradição” (GNERRE, 2013, p.145).

Ao analisarmos as questões de violência contra a mulher também podemos ver que as mulheres indianas consideradas santas na atualidade também sofreram processos de violência, mas que a violência não se tornou um obstáculo para que elas fossem impedidas de seguir suas trajetórias rumo a uma vida espiritual plena.

CONCLUSÕES

Tendo em vista a relação da figura da mulher com o tantrismo podemos compreender a partir desse estudo que a mulher de fato seja a representação da Shakti. Dessa forma, é através do corpo que se alcança a evolução espiritual, é utilizando-se do corpo físico e pondo em prática a ritualística por meio do Yoga, Mantras, Mandalas, Mudrâs que se atinge a kundalini. Podemos ver que a história do culto a Deusa Mãe nos textos hindus sempre se fez presente e a partir do tantrismo isso se tornou mais evidente, trazendo um renascimento ao culto de modo que a adoração a Shakti, a energia primordial se tornou fundamental em boa parte da cultura indiana. Através dos Puranas e Tantras textos sagrados conheceu-se a resposta para várias indagações, sobre a vida material e espiritual. Apresentamos a figura da mulher na sociedade indiana atual através de histórias de mulheres que são consideradas santas na sociedade indiana e a violência de gênero.

Esse trabalho teve como principal objetivo o estudo do culto à Deusa Mãe e como esse culto influenciou e permaneceu dando base ao Tantrismo, vendo a mulher como elo principal para existência dessa cultura que influenciou tantas outras tradições do oriente. Com base em autores como Georg Feuerstein e Linda Johnsen podemos entender de forma objetiva o papel da mulher na cultura indiana e na sociedade atual como um todo.

Com o intuito de obtermos uma pesquisa voltada para o Tantrismo já que temos um número bem resumido de pesquisas em português, abordamos o tema de forma objetiva ressaltando a mulher como foco, desenvolvendo também a escrita a respeito da sociedade indiana atual perante a mulher e de que modo a violência de gênero praticada contra a mulher, está evidente na Índia.

Dessa forma concluímos esse estudo compreendendo que a cultura oriental, focando no âmbito da Índia tem em sua essência a preservação da busca evolutiva do espírito, sabendo que a evolução espiritual é a maior de todas as riquezas que o ser humano pode alcançar segundo as tradições religiosas orientais. O que se difere do ocidente que por muitas vezes por meio das religiões o ser humano busca a prosperidade material, visando o crescimento financeiro e ficando por último a evolução espiritual como fator importante na vida do religioso.

REFERÊNCIAS

- BIANCHINI, Flávia. O estudo da religião da Grande Deusa nas escrituras indianas e o Canto I do DevīGītā. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões. UFPB: João Pessoa, 2013.
- BHATTACHARYYA, Narendranath. *History of the Sakta religion*. New Delhi: MunshiramManoharlal, 1996.
- CAVALCANTE, Paulo Ferreira. O corpo como instrumento de libertação na tradição tântrica. RV. Diversidade Religiosa. N°2. João Pessoa, 2015.
- ELIADE, Mircea. *Yoga: imortalidade e liberdade*. São Paulo: Palas Athena, 2004.
- FERREIRA, Mário; GNERRE, M. L. A.; POSSEBON, Fabrício. *Antologia védica*. João Pessoa: UFPB, 2011.
- FERREIRA, Mário. A condição da mulher na Índia antiga. Rv. Língua e Literatura. N° 25, Páginas 21 - 40. São Paulo 1999.
- FEUERSTEIN, Georg. *A Tradição do Yoga*. São Paulo: Pensamento, 2005.
- GNERRE, Maria Lucia Abaurre. Ascensão e Decadência da Śakti: Paradoxos do sagrado feminino entre a Índia medieval e a contemporaneidade. *Mandrágora*, v. 19, n. 19, p. 125-147.
- GNERRE, M. L. A. *Religiões orientais: uma introdução*. Tradições da Índia - do Veda ao Yoga. 2ª ed. João Pessoa: UFPB, 2011.
- JOHNSEN, Linda. *Filhas da Deusa: as mulheres santas na Índia de hoje*/ Linda Johnsen; tradução de Beatriz Penna- Rio de Janeiro: Record, 1996.
- SARASWATI, Aghorananda. *Tantra Vidya: o espelho tântrico indiano, reflexos de uma pedagogia desconstrutiva* / AghoranandaSaraswati. – 1ª. ed. – Belo Horizonte: Mondana Editorial, 2008. – (Ser; 1)